

LITERATURA UFMG inclui livro entre os cinco obrigatórios para o vestibular

Literatura kaxinawa relata mitos indígenas

SILVANA ARANTES
 DA REPORTAGEM LOCAL

“Shenipabu Miyiu”, na língua Hãtxa Kuï, dos índios kaxinawa, é história dos antigos. É também o nome da primeira publicação de literatura indígena, com tiragem de dez mil exemplares, editada no Brasil pela UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). A obra está entre as cinco indicadas para leitura aos 80 mil vestibulandos da UFMG.

Os antigos a que o título se refere são os mais longevos habitantes da porção peruana das terras kaxinawa, na Amazônia Ocidental, onde vivem atualmente 1.500 índios da etnia. Mas foram jovens kaxis da parte brasileira da floresta, no Acre, que empreenderam a tarefa de registrar os 12 mitos coletados no volume. O trabalho começou em 1989, quando Osair Sales Siã Kaxinawa partiu —gravador e câmera na mão— rumo à aldeia dos parentes peruanos. A partir daí, seguiram-se seis anos de trabalho, num esforço de mais de 20 professores índios, coordenados por Joaquim Paula Mana.

Em 1995, “Shenipabu Miyiu” ganhou sua versão final, em Hãtxa Kuï e português, com edição limitada, rodada numa velha “offset” da Comissão Pró-Índio do Acre. O livro passou a integrar o conjunto de 65 edições didáticas empregadas nos cursos de formação escolar com professores indígenas, em andamento desde 1983. Este ano, a editora UFMG rodou sua segunda edição. A tiragem, acanhada em relação ao número total de vestibulandos, faz atenção “à cultura do xerox” e à prática de leitura de resumos comentados por parte dos candidatos, segundo Silvana Cósér, do conselho editorial da UFMG. Porém coloca “Shenipabu Miyiu” acima da média de autores estreates.

Inês Almeida, coordenadora editorial do Programa de Implantação das Escolas Indígenas de

Minas Gerais, diz que “nossa porção indígena sempre foi o motor da literatura brasileira —uma literatura feita de processos tradutórios”. E lembra que existem aproximadamente 180 línguas indígenas faladas hoje no Brasil.

“Quando presenciamos um xacriabá ficar doente e, no seu delírio febril, sonhar que se lembra da língua que seus antepassados apanharam para esquecer, vemos o quanto estão equivocados os que preconizam o totalitarismo da linguagem, da religião, da educação, da ciência”, diz Inês.

“Os registros escritos estão relacionados à documentação da cultura que os índios consideram estar em risco de desaparecimento”, diz Nietta Lindenberg Monte, coordenadora pedagógica do programa Pró-Índio no Acre. “O fato de 80 mil estudantes mineiros estarem lendo mitologia kaxinawa é emblemático”.

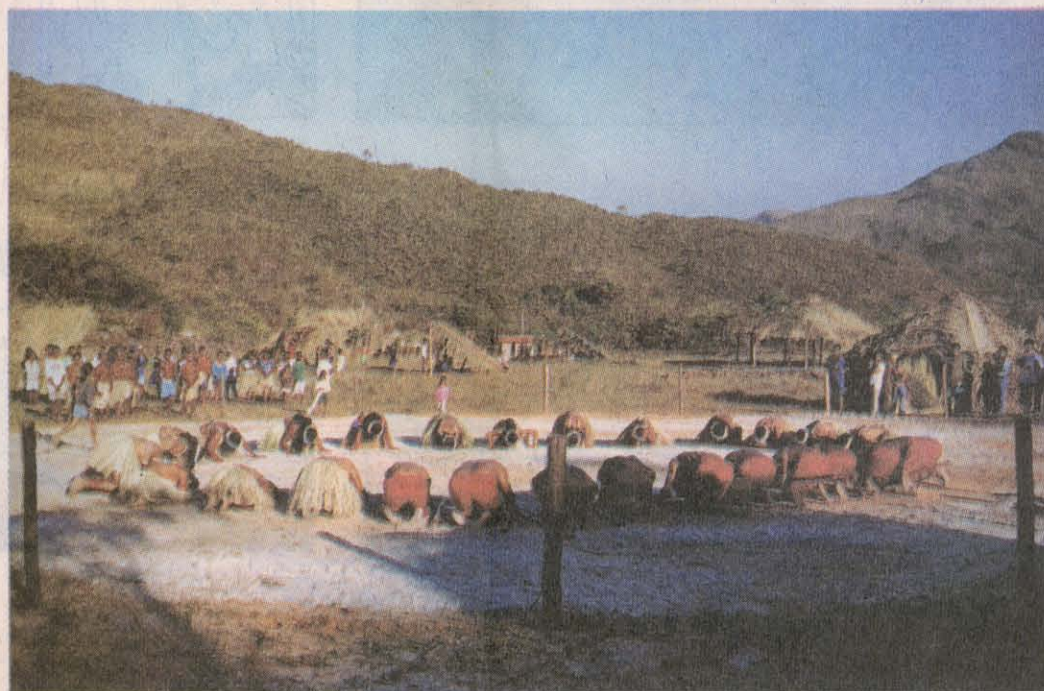
Para a pedagoga, publicações como “Shenipabu Miyiu” representam uma “ruptura” com a metodologia tradicional de registro de mitos indígenas. “Nesse caso, o índio não é apenas um informante do antropólogo, do estudioso que escreverá um livro. Estamos diante de um processo de formação do autor individual e coletivo”, afirma Nietta.

Os kaxinawa reivindicaram o direito ao aprendizado da língua escrita e da matemática, no final da década de 70, quando perceberam que, por meio desses instrumentos, os patrões seringueiros exploravam seu trabalho, estabeleciam contratos unilaterais e manipulavam os pagamentos.

Livro: Shenipabu Miyiu - Histórias dos Antigos (ed. UFMG, 168 págs., R\$ 17,50)
Autores: vários; organização da Comissão dos Professores Indígenas do Acre
Onde encontrar: livraria Cultura (av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, tel. 0/xx/11/285-4033) ou site www.editora.ufmg.br.



Índios yawanawa dançam durante apresentação na terceira edição Festival de Dança e Cultura Indígena, em Minas Gerais



Krenaks antes da “consagração do terreiro”, no festival que reuniu tribos brasileiras

Reprodução do livro “Shenipabu Miyiu”

KUÏ DUME TENENI



fumaça do tabaco

Ilustração do livro dos kaxinawa

Mitologia inspira dramaturgo

DA REPORTAGEM LOCAL

A mitologia kaxinawa inspirou o dramaturgo João das Neves (66) a escrever a peça “Yuraiá: o Rio do Nosso Corpo”. Refere-se ao Jordão, às margens do qual vive a mais distante das onze comunidades kaxinawa do Acre. Navegando pela sua correnteza, são necessários 12 dias de viagem a partir de Tarauacá (a cidade mais próxima), para alcançá-los.

Durante os sete anos em que viveu no Acre, na década de 80, João das Neves fez o trajeto e admirou-se do que viu. “Eles têm uma mi-

tologia muito rica. Até porque moram numa região de confluência, próxima aos Andes, onde se deram intercâmbios entre nações avançadas”, diz.

“Yuraiá: o Rio do Nosso Corpo” surgiu da vontade de “contar essa saga” e ficou pronta em 1991, com o apoio da Fundação Vitae. No entanto, nunca foi encenada. “A montagem dessa peça é complexa. Quero trazer do Acre (para Belo Horizonte) o grupo de teatro Poronga e membros na nação kaxinawa”, conta. Ele estima um custo de produção mínimo de R\$ 80 mil para a montagem.

Música registrada em festival vira CD

DA REPORTAGEM LOCAL

Além de registros indígenas literários, começam a ganhar corpo iniciativas para difundir por todo o país a música típica das tribos brasileiras. Um dos mais empenhados na tarefa é Ailton Krenak, 46, diretor do Festival de Dança e Cultura Indígena. No ano passado, ele produziu 2.000 cópias de “O Canto das Montanhas”, registro da segunda edição do festival, distribuído pelo selo Sonhos & Sons.

Este ano, Krenak improvisou um estúdio de gravação numa “maloca de bambu e palha do alto da Serra do Cipó” e repetiu a dose. A paje-lança musical ocorreu de 23 a 29 de setembro passado, na terceira edição do festival. “As tribos saíam da performance no terreiro e iam direto bater no estúdio. Foi ótimo fazer esse trabalho a sangue quente”, conta.

O pressuposto de Krenak para que a música indígena emplaque seus primeiros hits está numa idéia corrente: “Dizem que há gosto para tudo. Então, onde está o pessoal que gosta de música indígena? Ou será que são só os índios?”, afirma. (SA)